

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



BALBI, Adriano (Veneza, 1782 – Pádua, 1848)

Apesar da sua importante produção bibliográfica, não são muitas as informações que temos da vida e do pensamento deste literato nascido em Veneza, a 25 de Abril de 1782. Por isso, boa parte do conhecimento a seu respeito centra-se na análise da sua obra, pelos relevantes trabalhos complementares que dedicou a Portugal na alvorada do liberalismo: o *Essai statistique sur e Royaume de Portugal et d'Algarve* e as *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise*, ambas publicadas em Paris no ano de 1822, fruto das abundantes informações recolhidas directamente em Portugal. Este seu interesse pelo espaço geo-político português, com acentuado interesse pela estatística (disciplina que, na altura, não despertava ainda grande interesse), encontra-se também numa terceira obra *Della popolazione del Portogallo dall'Epoca dei romani ai tempi nostri*, publicada em Milão, em 1846.

A dedicação de Balbi a estudos geográficos e estatísticos surge numa fase já adulta da sua existência, cuja juventude foi empenhada numa carreira militar que não teve seguimento, depois de ter servido como oficial no exército francês. Em 1807 foi chamado como professor de matemática e francês ao colégio de San Michele a Murano, na altura dirigido por Giacomo Martina, futuro papa Gregório XVI, e no ano seguinte deu a imprimir a sua primeira obra de teor “balbiano”, o *Prospetto politico dello stato attuale del globo*. Grande parte dos seus trabalhos seguintes foram escritos em francês e publicados em Paris, cidade para onde se mudou em 1821 por causa do seu casamento com Carolina Michel de Maillard, e onde ficou até 1835, ano da sua deslocação para Viena, onde se tornou sócio da Academia Real das Ciências. De 1840 a 1846 está em Milão, onde continua a sua intensa atividade intelectual. Passa os últimos anos em Pádua, já dotado de grande consideração por parte do mundo académico, e lá morre a 13 de Março de 1848. Uma curiosidade: como homenagem póstuma, o seu nome foi atribuído a um vulcão na ilha de Bouganville, Papua-Nova Guiné.

É nos anos franceses que Balbi desenvolve maior produção científica, ao abrigo de editores como Rey et Gravier e Jules Renuard. Uma produção que, no total, contará com mais de quarenta títulos, reorganizados analiticamente pelo seu filho Eugénio, após a sua morte. É em 1833 que publica aquela que é considerada a sua obra fundamental, *Abregé de géographie* (Paris 1833), um grande volume que reunia o melhor dos estudos geográficos da sua vida, adotado como livro de texto nas universidades francesas. Uma obra que lhe



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

trouxe grande notoriedade em todo o continente, traduzido em italiano, espanhol, português, grego, inglês e alemão (na Alemanha, em 1895, mandava-se publicar a oitava edição). Como nos lembra Mario Gliozzi, na sua entrada (1963) para o *Dizionario Biografico degli Italiani*, “apesar de ser uma obra de popularização inteligente, principalmente para uso escolar, o *Abregé de géographie* foi também popular entre especialistas, como A. von Humboldt, que apreciou a informação exacta e o cuidado crítico da documentação”. Também o seu filho Eugenio nos informa que o favor científico em torno da sua obra foi unânime, com figuras como a de Conrad Malte-Brun a elogiar a organização dos dados, a lucidez do método e a crítica rigorosa. Mas nem todos os seus biógrafos concordam em exaltar a sua produção científica: de facto, Carlo Errera, importante geógrafo italiano entre os séculos XIX e XX, e autor em 1930 da entrada sobre Balbi para a *Enciclopedia Italiana*, imputava-lhe demasiado interesse pelas descrições políticas dos países, com o elemento físico “reduzido a algumas notas – uma enumeração de factos e não uma descrição fundamentada”, dedicando todo o espaço a aspectos políticos muitas vezes sobrecarregada de elementos estranhos (dados, quadros, listas estatísticas) que, segundo Errera, demonstravam como Balbi “sucumbe muitas vezes à tentação de publicar novos dados e resultados, mesmo que sejam menos relevantes para o tema”.

Consideremos agora a sua produção dedicada a Portugal, país onde o estudioso veneziano passou os anos de 1819 e 1820. Durante a sua permanência em Portugal, e graças às boas relações com as autoridades portuguesas – particularmente, com os representantes da regência –, teve a oportunidade de visitar grande parte do país e aceder aos arquivos espalhados pelo reino, podendo assim trabalhar com importante e antiga documentação, o que lhe permitiu realizar um extraordinário enriquecimento de dados para o seu enorme esforço estatístico, que resulta superior a todas as outras estatísticas do tempo na descrição das reais condições – antigas e recentes – do reino de Portugal. Com certeza, quem muito ajudou Balbi na realização dos ensaios estatísticos foi Alexandre Vandelli, director da Intendência Geral de Minas e Metais do Reino, “un des meilleurs chimistes portugais” na opinião do geógrafo veneziano, filho do célebre Domenico Vandelli, fundador em 1772 do jardim botânico de Coimbra. Devido ao campo de estudo investigado por Balbi, é muito provável que o seu caminho se tenha cruzado com o de outro estudioso de estatística e geografia de origem italiana. Referimo-nos a Marino Miguel Franzini, antes deputado nas Cortes Constituintes de 1821-1822 e depois nas ordinárias de 1822-1823. Intelectual que sempre gozou de grande reputação no ambiente liberal, nessa mesma altura trabalha sobre assuntos muito parecidos com os de Balbi, tendo começado desde cedo a publicar vários estudos, não exclusivamente dirigidos às estatísticas sobre a população portuguesa (de 1825 é a primeira edição do *Almanach Portuguez*).

Balbi permanece em Lisboa numa fase crítica e animada para a sociedade portuguesa, ao longo da qual se afirma o projecto político vintista. Segundo Isabel Nobre Vargues, “a Balbi, que se interessou pela defesa da nação portuguesa, devemos ao *Essai statistique*, um dos mais interessantes textos científicos e culturais sobre o Portugal vintista, construído a partir das generosas e solidárias informações que lhe foram fornecidas pelos intelectuais e altos responsáveis das várias instituições a que recorreu”. Como reconhece o historiador



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

francês Albert Silbert, o *Essai*, verdadeira enciclopédia sobre o país, “est par excellence une «source». Mais Balbi a en outre fait un travail d'historien”.

A obra de Balbi é importante também pelas considerações de carácter político. Por exemplo, o *Essai statistique* dedicado (como *pro forma*) a D. João VI, típico trabalho de erudição pluridisciplinar, onde a história coabita com outros domínios do conhecimento, não desprovido de defeitos e imperfeições, é sem dúvida lisonjeiro para com o novo sistema político que se define aquando da sua estadia no país. De fácil compreensão são as motivações entusiásticas que se manifestam sobretudo nas primeiras páginas da obra: a disponibilização, pelo novo governo de documentos e dados úteis à definição da estatística da população, do comércio e de outros âmbitos socioeconómicos. Trata-se de dados guardados quase secretamente até 1820 (como afirma o próprio Balbi na introdução de *Della popolazione del Portogallo dall'Epoca dei romani ai tempi nostri*) revelados graças à mudança de mentalidade que o novo regime liberal traz consigo, embora num contexto facilitado pela corrente situação internacional (“D'ailleurs nous comprenions bien que dans un moment où les regards de toute l'Europe étaient fixés sur le Portugal, il était plus facile qu'on accueillît favorablement les tentatives faites par un géographe italien pour faire connaître cet intéressant pays”). É evidente que Balbi considera tudo isto como demonstração da legitimidade e justeza do novo curso político do país; o desenvolvimento das suas instituições na nova representação constituinte é cunho de fecundidade e progresso da regenerada sociedade lusitana, que passa antes de tudo pela separação dos três poderes do Estado; eis o reconhecimento da indispensável função das Cortes. Eis, então, que o autor veneziano (ou melhor “un figlio dell'Italia”, como se designa ao longo do texto) manifesta simpatia pelos valores do novo regime político, no reconhecimento do seu estatuto de plena e moderada expressão da vontade popular.

Como dissemos anteriormente, o aparecimento em Paris do ensaio estatístico sobre Portugal por Adriano Balbi é precedido de poucos meses por outro trabalho complementar, as *Variétés politiques et statistiques de la monarchie portugaise*, dedicado ao barão De Humboldt. É o fatídico ano de 1822, aquando da independência do Brasil, e as *Variétés politiques* tornam-se ocasião para uma reflexão sobre o estado da população brasileira, considerada menos activa do que a portuguesa em termos produtivos, militares e políticos, e vendo nesta fraqueza estrutural a falta de justificação da permanência do poder executivo no Rio. Eis a questão: qual a justa sede da capital da monarquia portuguesa? Lisboa ou Rio de Janeiro? A este respeito, o discurso de Balbi, embora sustentado num raciocínio que assenta em razões puramente socioeconómicas (pretexto para uma apaixonada invocação filo-portuguesa, posicionando-se assim fora da linha de defesa do direito à independência que prevalecia no pensamento dos exilados), não surge desprovido de um certo oportunismo político, ao considerar o clima e o debate em que vai ter de intervir. No auge da crise nas Cortes extraordinárias acerca da sorte do Brasil, num panorama político claramente contrário a qualquer hipótese de separação e independência da grande colónia d'além-mar, a atitude argumentativa do geógrafo italiano, embora não entrando especificamente na questão da independência, não deixa de se mostrar útil à melhor dinamização do seu enorme trabalho dentro do contexto do que investiga. O interesse de Balbi parece



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

corroborar a posição portuguesa e, por essa razão, ao desenvolvimento do seu discurso não são alheias as suas motivações ideológicas. Dito isto, debruça-se sobre diferentes vertentes: por exemplo, no plano da justificação histórica desta espinhosa questão, os faustos da época renascentista, assim como a (ainda recente) corajosa firmeza nacional na guerra anti-napoleónica, manifestada em nome da independência, são razões de legitimidade para restituir a Lisboa o estatuto de capital dos territórios da coroa. Mas o discurso vai para lá desta ideia, em busca de uma (neste caso, discutível) robustez científica: é na “qualidade” que apresenta a população activa das duas áreas que está a argumentação desta prerrogativa, deste direito irrenunciável. E só reconhecendo este elemento como dirimente que se pode avançar para a discussão de outros campos e problemas, mais próximos do plano escorregadio do discurso político, como ele próprio faz: “l’histoire de la dernière guerre a démontré clairement la nullité politique du Brésil pour aider le Portugal à secouer le joug étranger” (pp. 54-55). É em Portugal, e nomeadamente em Lisboa, que se concentra a maior quantidade – com maior “qualidade” – de população activa de súbditos da coroa, facto que torna o lado continental no centro “moral e político” da monarquia: “La force de la monarchie n’est pas dans le sol, mais dans les hommes; tandis que le Portugal compte trois millions d’habitans, tous Portugais, le Brésil n’en compte pas un million: encore ce million, s’il existe, est environné de plus de dixhuit cent mille esclaves et d’un million d’indigènes et de mulâtres, qui, au lieu d’augmenter sa force, le diminuent considerablement par l’état précaire où le retient la crainte des révoltes. C’est donc le Portugal et non le Brésil qui est le véritable centre moral et politique de la monarchie portugaise” (pp. 58-59). É esta população activa que garantiu a defesa do território aquando da invasão francesa, tendo ainda viabilizado uma organização militar própria, um exército próprio, o que Balbi considera uma tarefa de difícil realização num país escassamente povoado como o Brasil. É ainda esta população que garante, naqueles tempos, uma certa vida portuguesa no Rio de Janeiro, com a manutenção de uma corte numerosa e faustosa, que se distingue pelas suas enormes despesas. Trata-se de uma análise que, embora possa parecer irrepreensível em certos sentidos, em muitos outros patenteia fraquezas dedutivas, soberbamente polarizadas no seu engano conclusivo: “[...]il est plus facile que le Portugal soit perdu pour la monarchie, le roi étant au Brésil, que d’en voir séparer le Brésil, le roi résidant à Lisbonne” (p. 65). Como a história tem demonstrado, o regresso de D-João VI a Lisboa constituiu o prólogo daquele acontecimento tão esconjurado, e mesmo acelerado pela escolha do soberano português.

Outro dado interessante que caracteriza a estadia de Adriano Balbi em Portugal é relativo à emigração a partir da península Itálica para o país lusitano, que continua a realizar-se não obstante a guerra e a situação económica desfavorável. O que ressalta particularmente é a emigração de comerciantes/negociantes, razão que torna o *Essai statistique* e as *Variétés politiques et statistiques* particularmente interessantes no que toca as relações comerciais luso-italianas, que contam com muito poucos estudos para o período a que ele se refere. Balbi fornecia um primeiro quadro do estado do comércio entre Portugal e Itália na altura em que realiza a sua investigação. Na sua obra salienta-se como Génova era – no que diz respeito à Península Itálica



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

– o primeiro parceiro comercial dos portos do reino, principal praça com que se desenvolve o maior tráfego de mercadorias, seguida por Veneza, Nápoles e Liorne. Veneza representa o ponto de mediação comercial com a Turquia (cuja balança comercial estava em défice, e da qual Portugal importava grandes quantidades de trigo). Balbi sublinha que a balança comercial de Portugal, em relação aos portos italianos, era nesta época geralmente favorável, “excepté dans les années de guerre 1809, 1810, 1811 et 1813, et les deux de paix 1818 et 1819 dans lesquelles elle fut contre lui, à cause de la grande quantité de grains importés”. Génova era exportadora de soja, papel, cores minerais, álcool, ácidos, enquanto o reino de Portugal exportava tabaco, açúcar, algodão, cacau, peles, anil, canela e café para a cidade ligure. De Veneza importavam-se feijão, milho, linho, vidro e vidrilhos, metal, drogas medicinais, que são trocadas com os mesmos produtos, acrescentando marfim e pau-Brasil (bois-brésil). Enfim, do sul de Itália o reino português recebia pequenas quantidades de cevada, trigo e feijão, em troca de produtos coloniais.

Com o apoio do material documental (veja-se, por exemplo: *Junta do Comércio*. “Mapa das cargas de navios entrados em Lisboa e Porto”, mç. 312), podemos confirmar o quadro analítico de Balbi, acrescentando alguns dados mais pormenorizados. Por exemplo, evidencia-se o facto de que as importações/exportações de e para Itália se realizam principalmente com os portos de Lisboa, Porto, Setúbal e vários portos algarvios, sobretudo Portimão e Vila Real de Santo António. Relativamente aos navios que entram (nos) e saem dos portos portugueses, há nesta época um tráfego intenso nas rotas luso-italianas dirigidas para o norte da península; além de Génova, porto de destino principal, dos portos de Lisboa regista-se particular saída de mercadorias para Trieste e Veneza (duas cidades que, na altura, se encontram em território de domínio austríaca). Os outros portos italianos que se relacionam comercialmente com os portugueses, além dos de Nápoles e de Liorne (citados por Balbi) são os de Civitavecchia e Palermo. Em 1819, frente aos 25 navios napolitanos que entram no porto de Lisboa, saem 28; no ano seguinte terá passado, respectivamente, a 10 e 12; a redução sensível do número deve ser situada na queda geral do comércio marítimo, cuja recuperação será uma das preocupações do iminente governo vintista.

Como vimos, são muitos os aspectos valiosos para compreender a realidade portuguesa presentes nas obras de Adriano Balbi. A este respeito, não deve ser esquecido o texto que utiliza como “posfácio” ao *Essai* (vol. II, pp. cccxxxiv-ccclviii), um escrito do abade Correia da Serra intitulado “Coup d’oeil sur l’état des sciences et des lettres parmi les Portugais pendant la seconde moitié du siècle dernier”, publicado no primeiro volume dos *Archives littéraires de l’Europe* (Paris, 1804). Onde, partindo do reconhecimento do profundo estado de ignorância e sujeição que atingiu o povo português ao longo de dois séculos a partir da época de D. João III, “dont l’histoire offre peu d’exemples”, se sublinha o carácter reformador do reinado de D. José I, com efeitos relevantes na elevação moral e cultural da nação lusitana: no espaço de dez anos (1760 a 1770) “il rendit aux lettres et à l’éducation les plus grandes services”. Porque razão Balbi escolheu este texto? Porque na sua visão iluminista do conhecimento, laica e racionalista, que se manifestava nas principais disciplinas (geografia e estatística) desenvolvidas nos seus estudos, era importante evidenciar o papel que às ciências



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

fora dado no Portugal do último quartel do séc. XVIII, preâmbulo daquela realidade de que tencionava dar conhecimento através dos seus livros que, como sabemos, tiveram ampla divulgação na altura. Esta visão apologética do reformismo pombalino pelas palavras do abade Correia da Serra, que encerram o *Essai*, pode ser vista como uma maneira de adoptar, mais uma vez da parte de Balbi, uma posição “política” no quadro da sua análise, como defesa de um processo histórico que teria sido berço da evolução política, institucional e cultural vivida e defendida na sua época.

Posição que, obviamente, não é neutra, como é evidente numa crítica à obra “vintista” do estudioso italiano datada de 1828: *Observações críticas sobre alguns artigos do ensaio estatístico do Reino de Portugal e Algarves publicado em Paris por Adriano Balbi*, por Luís Duarte Vilela da Silva. Este padre, tesoureiro mor da Colegiada de Santa Maria de Alcaçova de Santarém e Censor Régio, salienta «erros e omissões indesculpáveis» centrados mormente na história literária do reino, revelando alguma aversão para com o racionalista italiano, responsável por sacrificar a verdade «à lisonja, e adulação». A sua desconsideração para com a obra de Balbi parece esconder algum rancor político: «louvando em particular os que mais se tem acreditado, sem nenhuma consideração, nem escolha, fez subir ao mais eminente lugar na casa da sabedoria a muitos só porque estavam elevados a grandes empregos»; azar e negligência do senhor Balbi, que apesar de ser viajante curioso, «demorando-se longo tempo nesta capital, e preparando-se para mostrar à Europa inteira tudo quanto pudesse enobrecer Portugal», teve «tão pouca fortuna na escolha das pessoas que o dirigirão». A crítica é metodológica e de conteúdo, poupando as boas intenções do autor italiano, porque Balbi continua sendo uma autoridade, e o seu trabalho a merecer largo reconhecimento. Contudo, as observações deste religioso não são peregrinas, na medida em que o texto de Balbi patenteia imprecisões que podem ser corrigidas. Há, como é óbvio, um fundo ideológico que alimenta esta polémica: de todo o modo, a denúncia das inexactidões históricas de Balbi, embora não constituam prova da conjeturada maneira de “escrever à pressa”, reprovada por Duarte Villela, representam um ato de legítima crítica.

O impacto dos estudos de Balbi sobre as ciências e as letras portuguesas e continentais foi enorme, porque o seu conteúdo interdisciplinar, pormenorizado e exaustivo continua a representar uma fonte de informação ineludível para conhecer a economia, a sociedade, a cultura de Portugal no princípio de Oitocentos. No seu tempo, surgiu a recensão muito favorável de Francisco Solano Constâncio, publicada no tomo XVII dos *Anais das Ciências, das Artes e das Letras* (Abril de 1822, pp. 84-103). E em tempos mais recentes, historiadores como Vitorino Magalhães Godinho, Jorge Borges de Macedo e Joel Serrão citaram os trabalhos do geógrafo veneziano, o que sucede também em numerosas Histórias de Portugal. Frisando mais uma vez o carácter poliédrico dos seus trabalhos, deve lembrar-se a importância que ainda hoje tem nos estudos de linguística o *Apêndice à la géographie littéraire* no tomo segundo do *Essai statistique*, nomeadamente o capítulo dedicado aos “Dictionnaires, grammaires et langues étrangères”. Senão propriamente numa perspectiva metodológica, Balbi mantém uma actualidade epistemológica que não se pode deixar de lado no conhecimento da sociedade portuguesa na passagem do século XVIII ao século XIX.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia activa

Essai statistique sur e Royaume de Portugal et d'Algarve, 2 tomos, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade, 2004 (1822); *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise*, Paris, Rey et Gravier, 1822; "Essai sur la population des deux mondes". *Journal Des Voyages, de l'Administration, Des Moeurs, Etc. Chez Les Différens Peuples Du Globe*, vol. I, Février 1830, pp. 15-244; *Bilancia política del globo nel 1828 o saggio sulla statistica generale della terra secondo le sue divisioni politiche e le piu recenti scoperte stesa sulle tracce del sig. Adriano Balbi dal compilatore dell'Atlante descrittivo di geografia moderna*, Padova, A. Zambecari, 1833; *Tavole sinottiche di geografia giusta le più recenti correzioni del Balbi e le ultime transazioni politiche*, Tipografia Vignozzi, 1834; *Abrégé de géographie, rédigé sur un nouveau plan d'apres les derniers traites de paix et les decouvertes les plus recentes*, Bruxelles, Lacrosse, 1840; *Della popolazione del Portogallo dall'Epoca dei romani ai tempi nostri*, Milano, presso Carlo Turati, Tipografo-Librajo, 1846; *Bilancia politica del Globo nel 1829, per uso degli uomini di Stato, degli amministratori, etc. / compilata da Adriano Balbi, antico professore di Fisica, di Statistica, ed Matematica*, [Roma], Tipografia Salviucci e figlio, 1829; *Scritti geografici, statistici e vari, pubblicati in diversi giornali d'Italia, di Francia e di Germania da Adriano Balbi; raccolti ed ordinati per la prima volta da Eugenio Balbi*, Torino, [s.d.].

Bibliografia passiva: BALBI, Eugenio, "Adriano Balbi (1782-1848). Ricordi biografici del figlio e discepolo suo, prof. Eugenio Balbi". *Bollettino della Società Geografica Italiana*. Serie II, vol. VI, Roma, Stabilimento Giuseppe Civelli, pp. 528-532; CASSINO, Carmine, *Portugal e a Itália: emigração, nação e memória (1800-1832)*, tese de doutoramento, orient. Sérgio Campos Matos, António Ventura, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2015; CASSINO, Carmine, «A historiografia italiana sobre Portugal na primeira metade do século XIX», *Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, vol. 29 (2022) [<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/112167/87022>]; CHRISHOLM, Hugh, "Balbi, Adrian". *The Encyclopaedia Britannica*. 11th Ed., vol. III, New York, The Encyclopædia Britannica Company, 1911, pp. 240-241; CONTÂNCIO, Francisco Solano, *Leituras e ensaios de economia política (1808-1842)*, intr. e dir. de José Luís Cardoso, Lisboa, Banco de Portugal, 1995, pp. 212-221; ERRERA, Carlo, "Balbi, Adriano". *Enciclopedia Italiana di scienze, lettere ed arti*. Vol. V, Roma, Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1930, p. 904; PESTANA, Dinis, SANTOS, Rui, *Como os Livros Contam uma História da Estatística em Portugal: Obras de Estrangeiros, de Estrangeirados, e dos Outros*, Sociedade Portuguesa de Estatística, 2004 [<https://www.spestatistica.pt/publicacoes/categoria/outras-publicacoes>]; PITEIRA SANTOS, Fernando,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Geografia e economia da revolução de 1820, 2.^a ed., Europa-América, Mira Sintra-Mem Martins, 1975; GLIOZZI, Mario, “Balbi, Adriano”. *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 5, Roma, Istituto Enciclopedico Italiano, 1963, pp. 356-357; SILBERT, Albert, *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l’Ancien Régime. XVIII – Début du XIX^e Siècle*, vol. I, 2.^a ed., Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1978; TOMMASEO, Niccolò, *Compendio di geografia, compilato sulle norme dei signori Adriano Balbi, Chauchard, Muntz, Marmocchi, ed altri dotti geografi viventi*, Milano, Pagnoni, 1861; VARGUES, Isabel Nobre, “Liberalismo e independência. Os exilados italianos em Portugal (1820-1850)”. *Revista Portuguesa de História*. T. XXXI, Vol. 2, 1996, p. 417; VILELA DA SILVA, Luís Duarte, *Observações críticas sobre alguns artigos do ensaio estatístico do Reino de Portugal e Algarves publicado em Paris por Adriano Balbi*. Lisboa, Imp. Regia, 1828.

Carmine Cassino